

ESTUDOS



Coleção



Um olhar sociológico sobre o desporto no limiar do século XXI

Actas das III Jornadas de Sociologia do Desporto Organizadas pela Sesi da APS e FMH

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
Centro de Estudos e Formação Desportiva



Edição Centro de Estudos e Formação Desportiva
Gabinete de Documentação e Informação
Rua Almeida Brandão, 39
1200-602 Lisboa
www.cefd.pt
Correio Electrónico:publicacoes.cefd@mail.telepac.pt

Director António Fiúza Fraga

Autor Sesd da Associação Portuguesa de Sociologia

Título "Um olhar sociológico sobre o desporto no limiar do século XXI"

Coordenação da Edição Salomé Marivoet
Cláudia Pinheiro
José Vasconcelos Raposo

Coordenação da Produção André Fernandes da Cunha

Design Albuquerque & Bate - Design

Tiragem 500 ex.

ISBN 972-8460-48-1

Impressão Heska Portuguesa, SA

Depósito Legal 181993-02

Os Clubes Desportivos como Interventores na Mudança Social

*Mariana Torres Cascais
Mónica de Brito
Universidade de Évora*

Mesmo tratando-se de um lugar comum, começaremos por repetir que o homem é um ser social.

É nesse contexto que decorre a sua aprendizagem da vida, mais ou menos pacífica, mais ou menos conturbada, tão conseguida quanto o for a interiorização das regras do jogo social.

Na sua condição de ser social o homem procura outros homens, num movimento de aproximação àqueles com quem tem alguma coisa em comum.

A estabilidade e a segurança constrói-as ou reforça-as quando dessa aproximação resultam grupos com alguma homogeneidade interna.

De entre os múltiplos grupos, alguns assumem características e formas de organização específicas e orientadas para a prossecução de objectivos pré-definidos.

O associativismo é a expressão primeira da articulação de esforços e interesses no sentido de atingir uma finalidade.

É, na sua essência, a propensão dos homens para se agruparem, na defesa de um conjunto de direitos, na realização de objectivos comuns, na propagação de ideias.

É a "*réliance*" numa sociedade fragmentada pela sua complexidade excessiva e pelas suas diferenças.

É um instinto de defesa num mundo em que a "*déliance*" traduz um individualismo menos racional e um isolamento próximo da solidão.

O associativismo facilita a integração social, não só pela socialização implícita na aprendizagem das regras da vida colectiva, mas essencialmente porque promove partilhas, cedências e a aceitação, pelo menos tácita, dos outros membros do grupo.

Os clubes, entendemo-los genericamente como organizações, porquanto são sistemas construídos, com origem num plano mais ou menos consistente, mas ainda assim contingente, na medida em que dependem inevitavelmente das conjunturas.

Assentam numa ordem e numa hierarquia e dão corpo, em muitas situações, às instituições.

Estas são, na sua essência, conjuntos de valores, normas e usos, que norteiam as formas de reciprocidade e as interações que as integram e são visíveis na informação que difundem, nas iniciativas que promovem, no modo como coordenam as entidades que lhes dão expressão material e como lhes conferem o carácter de continuidade.

O desporto é uma instituição com valores próprios, que atende particularmente à vertente física do homem.

Que muita gente se atreve a considerar, numa sociedade que tem primado pela procura incessante da racionalidade e pela sobrevalorização menos racional de uma certa intelectualidade, uma instituição menor.

Mas como qualquer outra instituição, o desporto evolui no tempo e a sua interpretação não é hoje, naturalmente, a que se fez na Grécia Clássica.

A competição, expressão mais comum da prática desportiva, já não é reflexo de valores religiosos, mas antes subordinada à razão; é a vitória sobre o outro; é o princípio do progresso ilimitado; é a especialização; é a alienação a par do que lhe resta de educação; a competição enfatiza o antagonismo enquanto fomenta a cooperação.

Numa sociedade em que a mudança é palavra de ordem, ao menos ao nível do projecto, o desporto é provavelmente a instituição mais contraditória em si mesma, porquanto exprime a luta interna que em cada homem consiste na dificuldade de assumir um corpo reprimido durante séculos.

Entendemos os clubes desportivos como a expressão real do associativismo desportivo; próximos dos homens, congregam vontades, promovem a participação, diluem os conflitos.

Na hierarquia do sistema desportivo os clubes são naturalmente os órgãos menores. São, contudo, aqueles a quem compete transmitir e materializar o quadro de valores da instituição desportiva.

Teoricamente, deveria ser tendencialmente crescente a capacidade de atracção dos clubes.

Aqui cabe distinguir os clubes cujos associados pagam uma quota para assistir a um espectáculo, como seja o futebol, daqueles em que os sócios são os praticantes desportivos.

O fenómeno, que ocorre em alguns dos nossos clubes cuja principal modalidade desportiva é o futebol profissional, de aumento frequente do número dos seus associados, não é de modo nenhum extensivo à maioria dos clubes que referimos em segundo lugar.

E isto porque os clubes não estão, naturalmente, a cumprir a sua vocação de agrupar interesses, reforçar valores, educar os homens e participar activamente no desenvolvimento das comunidades.

A sua lógica de funcionamento advém do que consideramos ser a lógica do desporto moderno, como a da cultura, agentes ambos do princípio do progresso ilimitado que se traduz na necessidade da vitória, só possível no contexto de uma competição nem sempre saudável.

É, aliás, a competição o factor, por excelência, de socialização nos actuais clubes desportivos.

Contradição interna é, por outro lado, os clubes contarem com sócios não praticantes, e praticantes não competidores, ou competidores que chamaremos comuns.

Há alguma divergência de interesses, as motivações não são as mesmas e dificilmente os clubes conseguem gerir com eficácia essa complexidade.

Mesmo a cooperação entre os membros que constitui a essência das organizações, pode não acontecer, cada vez que os clubes se confrontam com práticas alienantes, porque reforçam projectos individuais antagónicos e limitadores dos interesses da própria organização.

Participámos activamente, no fim do ano passado, nas Jornadas da Associação Regional de Vela do Centro.

A questão de partida para a realização dessas jornadas foi a necessidade de repensar os Clubes de Vela.

Os resultados da reflexão conjunta, então realizada, permitiram-nos a análise das realidades e o despiste de algumas das tendências que caracterizam os clubes de hoje, face aos desafios da sociedade do próximo milénio.

A investigação que temos prosseguido no âmbito das tendências recentes das práticas desportivas, abriram-nos o caminho para um novo entendimento do que poderá ser a adequação dos clubes às necessidades de uma sociedade de gostos e aspirações, interesses e finalidades cada vez mais diversos, também no âmbito do desporto.

A sustentabilidade dos clubes decorre, neste contexto de heterogeneidade, de um redimensionamento da sua abrangência, como de uma especialização susceptível de lhes aumentar a qualidade da oferta desportiva e a eficácia da gestão dos seus recursos.

É notória, da análise que fizemos, a ausência de uma visão e atitude prospectiva, base do planeamento estratégico que poderá assegurar o sucesso da gestão dos clubes.

É ainda evidente a exigência da profissionalização de funcionários e responsáveis, como a redução do número de membros dos órgãos sociais, sobretudo das direcções, que deverão deixar de ser trampolins para, ou reforço do prestígio social, e isso apesar da necessidade de as responsabilizar e de as fazer permanecer nos cargos o tempo suficiente para planear e produzir resultados.

O isolamento dos clubes, eventualmente intencional, é um obstáculo à sua função integradora, como ao seu papel socializador, numa sociedade em que a mundialização, ou globalização, parece inevitável.

A formação insuficiente de muitos dos dirigentes não permite que os clubes desportivos desempenhem, cabalmente, o papel possível de lugares de expressão influente nas decisões políticas relativas ao desporto.

Não incentiva também a sensibilidade dos mesmos dirigentes para a insuficiente formação e ausência de profissionalização da maioria dos formadores ligados aos clubes.

A não ser nos grandes clubes de futebol em que os vencimentos assumem proporções escandalosas, num país de população remediada, os formadores da generalidade das modalidades desportivas são mal remunerados.

As responsabilidades que os clubes não assumem, o incumprimento de regras por desconhecimento ou incapacidade, acrescentam o conjunto de problemas referenciados.

Sem enumerar outros constrangimentos, pensamos, numa perspectiva sociológica, que a situação menos favorável dos clubes desportivos se prende directamente com a sua fraca inserção no tecido social e indirectamente com a massificação do desporto, a que o País ainda não tem condições para responder.

Naturalmente que a democracia prevê igualdade de oportunidades para todos e que o acesso menos ajustado e nem sempre consciente às mesmas oportunidades, conduz à massificação.

O desporto não fica fora e cada vez mais surgem jovens atletas.

Por outro lado, entende o País que a prática competitiva só deve ser permitida a atletas federados; e os equipamentos e o acesso às infra-estruturas necessárias, não são fáceis.

Os clubes desportivos são a resposta mais imediata, também a mais linear, mas nada disto é garante da sua eficácia.

Pequenos centros de pequenos poderes, atraem associados pelas infra-estruturas que não oferecem, e não são criativos, enquanto esperam os subsídios que não chegam.

Todavia, são o suporte formal e legal da massificação crescente do desporto.

É evidente que não advogamos o fim da massificação, embora pensemos que algum controle não se traduz, obrigatoriamente, em segregacionismo.

Acreditamos, no entanto, que a sociedade caminha no sentido da recuperação de alguns valores, ou da revalorização de algumas vertentes da condição humana.

Cada vez mais, se faz assentar a noção de qualidade de vida numa visão ética da natureza; cada vez mais se privilegia o valor ecológico da sociedade.

Se a massificação não cabe nesta perspectiva, o papel dos clubes não fica, porém, desvirtuado.

Cabe-lhes, numa atitude de adequação ao processo de mudança que se vive, ou na postura assumida de antecipação dos interventores nesse processo, uma avaliação das tendências ao nível da instituição que é o desporto, através de um diagnóstico prospectivo.

Os desportos radicais que têm subjacente uma outra visão do desporto, assente mais na interioridade de cada um que na exterioridade das vitórias; ou a valorização da especificidade individual, que parecem constituir valores do futuro, trazem novas modalidades e novas práticas, mas não substituem a função dos clubes desportivos.

Estes devem, no entanto, repensar a própria razão de ser.

Defendemos uma maior articulação com as autarquias e as escolas, no sentido de uma abertura significativa à sociedade.

Acreditamos em parcerias de âmbito regional, que farão a ligação inter-complementar necessária das especializações que propomos.

Preconizamos, claramente, a profissionalização de dirigentes e funcionários, assim como a hierarquização das suas responsabilidades.

Antevemos clubes desportivos em que a animação social poderá ser factor de atractividade e rendimento.

No entanto, entendemos que a essência do clube, porque expressão material do associativismo, é assumir-se como espaço de respeito pela ética e pela lógica dos talentos.

Porque nos parece que as novas tendências, mesmo ao nível dos desportos solitários, se encaminham no sentido da competição, julgamos que os clubes deverão empenhar-se, prioritariamente, na formação desportiva dos seus associados de modo directo, ou no contexto, que referimos, das parcerias.

Julgamos fundamental que essa formação tenha como suporte a aprendizagem da vitória e da derrota, reflexo, quando conseguida, da formação ética e cívica que entendemos ser a razão da existência dos clubes desportivos.

BIBLIOGRAFIA

Bolle de Bal, Marcel (1996) *Voyage au Coeur des Sciences Humaines*, Paris.

Cascais, M. et Al (1998) *Os Clubes de Vela do Ano 2000*. Lisboa: ed. Associação Regional de Vela do Centro.

Jurema, Jefferson (1999) *Esporte e Valores Sociais – Ecologia*, Internet.

Patrício, Manuel (1993) *Lições de Axiologia Educacional*. Lisboa.